

1956 → no

CASO DR. FREITAS GUIMARÃES

Em entrevista concedida ao Canal 13 da Televisão carioca, na noite de 27 de agosto de 1957, o prof. João de Freitas Guimarães, advogado e professor catedrático da Faculdade Católica de Direito, de Santos, Sp, relatou a estranha aventura que teve com um disco voador e seus tripulantes. Entrevistado pela SBEDV, confirmou suas declarações, que se resumem no seguinte:

No dia 16 de junho de 1956, fora a São Sebastião a serviço de sua profissão. Encontrando o Forum já fechado, hospedou-se num hotel, após o jantar, pôz-se a passear pela praia. Seriam 19,10hs ou 19,15hs - quando, olhando para o mar, viu elevar-se um jato d'água no trecho compreendido entre a Ilha Bela e São Sebastião. Pensou logo numa baleia, mas imediatamente emergiu das águas um aparelho bojudo, que tomou a direção da praia, onde, ao chegar, lançou um trem de aterrissagem munido de esferas e, por uma abertura, saíram dois homens, que se encaminharam ao seu encontro. Eram altos, claros, cabelos louros, olhos claros e serenos. Usavam uma espécie de macacão verde, que se estreitava ao nível do pescoço, dos punhos e dos tornozelos.

A princípio se assustara quando pararam à sua frente mas, como pareciam tão humanos, perguntou-lhes se teria havido algum acidente com a máquina ou se estavam procurando alguém. Não obtendo resposta, repetiu a pergunta em francês, inglês, italiano, mas sem resultado. Todavia, embora eles não falassem, o advogado teve a impressão de que estavam convidando-o a entrar no aparelho. Pareceu-lhe que os tripulantes estavam se comunicando por telepatia. Percebendo que o convite era insistente o Dr. - Freitas Guimarães sentiu uma vontade irresistível de ver o interior do objeto. Um dos homens se encaminhou para a nave, dando-lhe as costas. Ele seguiu-o sem relutância e o outro cavalheiro marchou atrás.

DENTRO DO DISCO VOADOR

O indivíduo que ia à frente alcançou a parte inferior da nave e nela subiu facilmente, segurando-se a escada com uma só das mãos, enquanto que ele, o advogado, precisou o auxílio de ambas as mãos. Na entrada do disco, aguardando-os, estava um terceiro tripulante. Fechada a porta, o engenho decolou. Nesse momento, mesmo sentindo um ligeiro mal-estar, o professor notou que havia água nas vigias.

"Está chovendo?" - perguntou.

Sempre telepaticamente foi-lhe dito que não se tratava de chuva. Aquela água era proveniente da "rotação em sentido contrário das peças que compunham a nave". Explicaram-lhe que, contornando a cosmonave, havia um dispositivo de filtração de raios, o qual tinha a propriedade de fazer o semivácuo em qualquer uma das suas partes. Observou o causidico que durante toda a viagem eles só permaneceram num único compartimento, mas notou que havia outros, também iluminados.

Através das vigias, viu o Dr. Guimarães que passavam por uma zona intensamente escura, onde os astros brilhavam de maneira extraordinária. Succediam-se regiões enxameadas de estrelas, que cintilavam com incomparável fulgor. Seguiam-se novas zonas escuras. Atravessaram depois uma camada violeta fulgurante e, nessa ocasião, sentiu que o aparelho se sacudia fortemente. Como demonstrasse receio, disseram-lhe que a nave acabara de deixar a atmosfera da Terra.

Durante a viagem, o advogado perguntou, várias vezes, de onde eles eram originários, mas não obteve resposta. Não sabe por que razão não desejavam identificar-se. Reparou que havia no compartimento onde se encontrava um painel de forma circular, no qual oscilavam três agulhas, muito sensíveis. Viu que, ao deixarem a atmosfera da Terra, os referidos ponteiros passaram a vibrar intensamente. Segundo foi-lhe explicado por um dos tripulantes, o aparelho "era conduzido no sentido da resultante da composição das forças magnéticas naquele lugar". Ao regressarem, notou que seu relógio estava parado, mas calculou em 30 ou 40 minutos o tempo em que estiveram em voo.

NOVO ENCONTRO

Ainda dentro da astronave, combinaram novo encontro para o dia 12 de agosto do ano seguinte, 1957, no mesmo local e hora. A data foi mar-

cada por meio de 12 constelações que dispuseram sob a forma de Zodiaco. - Uma roda indicava o ano e a repetição de 12 vezes o número 8 deu-lhe a ideia do mês de agosto.

Declarou ainda o Professor Freitas Guimarães que não compareceu ao novo encontro porque, como o caso fora muito divulgado, havia sido organizada, por curiosos, uma caravana para assistir à entrevista, o que certamente, provocaria grande tumulto. Além disso, a Aeronáutica enviara ao local alguns aviões de caça a jato.

Em entrevista posterior, concedida ao pesquisador da SBEDV, - declarou o advogado que, poucos dias antes da data convencional para o encontro, o Coronel Aviador Coqueiro, na presença do Dr. Gabriel Alca, do irmão deste e de um escrevente do 5^o Tabelião de Santos, dissera-lhe:

"Eu, se fosse você, não iria a esse encontro. Terei lá dois esquadrões de caça a jato para receber o Disco Voador".

Nesta última entrevista, acrescentou o Dr. Guimarães que soubera, por pessoas que deram testemunho público na TV Tupi de São Paulo, que, na data marcada, o disco voador surgiu por trás da Ilha Bela, passou sobre S. Sebastião e seguiu em direção à praia de Barraqueçaba.

(Extraído do Boletim Especial 1975 da SBEDV (Sociedade Brasileira de Estudos sobre Discos Voadores - Cx. Postal, 16.017 - Correio Largo do Machado - Rio de Janeiro - RJ - pg. 33/34)

Luiz do Rosário Real - Presidente da SPIPLV
Pelotas, abril/1976.